

Empresários aplaudem presidente

Londres - AP

NELSON FRANCO JOBIM
Correspondente

LONDRES - O presidente Fernando Henrique Cardoso foi calorosamente aplaudido ontem por uma platéia de mais de 300 empresários, reunidos numa conferência sobre o Brasil promovida pela Confederação da Indústria Britânica (CIB). Analistas presentes preferiram, entretanto, adotar posição de "otimismo cauteloso", diante da vulnerabilidade da economia brasileira, refletida nos déficits comercial e fiscal, e da crise asiática.

Fernando Henrique apresentou o Brasil como um país mais aberto e integrado à economia internacional e por isso sujeitos a choques externos como o vindo da Ásia. Ao enfrentar diretamente o problema da "instabilidade financeira internacional", o presidente cultivou a idéia de transparência, integridade e credibilidade associada a sua imagem.

"Respondemos com rapidez e decisão. Tratamos de preservar a confiança dos mercados eliminando qualquer dúvida quanto à nossa determinação e capacidade de defender as conquistas dos programas de estabilização", afirmou.

O presidente ressaltou que, ainda esta semana, o Congresso brasileiro vai aprovar mais reformas importantes para consolidar a estabilidade econômica. Era isso que os investidores queriam, comentou Karina Robinson, analista da Bloomberg Business News: o combate à crise sem protecionismo.

"Sob nenhuma circunstância o Brasil vai recuar", enfatizou Fernando Henrique. "Tivemos de cortar despesas e de aumentar impostos", algo extremamente impopular na Grã-Bretanha, comentou Fernando Henrique com um sorriso, obtendo o assentimento da platéia.

Investimentos - "Só existe uma direção - para a frente com a estabilidade econômica e com o programa de privatização. Reconquistamos a confiança do investidor doméstico e estrangeiro", acrescentou, citando dados sobre a evolução do fluxo de investimentos externos, que aumentou "17 vezes desde 1993".

Para marcar suavemente uma diferença em relação aos países do Sudeste Asiático, Fernando Henrique disse que "a democracia vem primeiro; depois, o mercado". E acrescentou: "É preciso informar a opinião pública. O ministro da Fazenda ficou sete horas no Congresso explicando o esforço fiscal. Modernizamos nosso sistema político, informando o Congresso e a opinião pública. Credibilidade é isso".

A nova imagem do Brasil que o presidente veio apresentar nesta visita é de uma das 10 maiores economias do mundo, talvez uma das cinco maiores potências econômicas "na primeira década do próximo século". É também de um país que ambiciona a liderança na América do Sul "O Brasil faz fronteira com quase todos os países da região e pode servir de plataforma de negócios com todo o mundo", destacou.

Diante da perspectiva de duras negociações sobre livre-comércio com os Estados Unidos - quando o presidente Bill Clinton obtiver autorização do Congresso americano - o Brasil e os países do Mercosul

voltam-se para a Europa, um peso-pesado que contrabalançaria o poderio americano. "Eu disse ao presidente Clinton: não basta discutir tarifas. Há pessoas", declarou Fernando Henrique. "O programa de integração precisa ser completada por uma medida de solidariedade. Queremos uma área de livre comércio com um sentido social".

Para enfrentar os desafios que tem pela frente, o Brasil precisa de investimentos em infra-estrutura e aí entra o programa de privatizações, assinalou Fernando Henrique, cobrando participação maior dos britânicos, que entraram com apenas 0,1% do capital estrangeiro na compra de estatais brasileiras.

O presidente disse que o Estado brasileiro está fazendo sua parte ao investir em educação, a exemplo do que prega o primeiro-ministro britânico Tony Blair, com quem o presidente encontra-se amanhã.

Como a Grã-Bretanha assumirá a presidência rotativa da União Européia em 1998, Fernando Henrique reiterou sua preocupação com o protecionismo agrícola dos países europeus, que custa ao Brasil cerca de US\$ 5 bilhões em oportunidades de exportação perdidas.

Parceiro - "O Brasil é um parceiro estratégico da Grã-Bretanha, é responsável por mais de um terço do comércio britânico com a América Latina", lembrou o presidente, para reforçar o aumento da participação brasileira na economia internacional.

Os aplausos ao discurso de Fernando Henrique foram considerados incomuns para os britânicos, segundo o economista Graham Stock, do Economist Intelligence Unit. "Foi extremamente impressionante. A estratégia está correta. O governo brasileiro está fazendo o que tem de ser feito. A alternativa seria desvalorizar a moeda, o que não é uma alternativa. Provocaria um retrocesso de dez anos na economia brasileira", disse.

"Mas, se houver uma crise de liquidez na economia internacional, todo mundo vai sofrer e aí as fraquezas do Brasil ficarão mais evidentes", ressaltou.

Na apresentação, o presidente da CIB, Colin Marshall, descreveu Fernando Henrique como um governante que "tornou seu país muito mais atraente para investimentos". No final, cumprimentou Fernando Henrique por "manter a estabilidade em tempos difíceis".

Já o assessor George Guise, da empresa de energia elétrica National Grid, interessada em empresas brasileiras do setor elétrico, considerou "formidável" o programa de privatização brasileiro. O presidente da National Grid terá audiência privada com Fernando Henrique, mas Guise disse que qualquer decisão da empresa vai depender das condições e do sistema regulador.

Ao encerrar a conferência, William Puurves, diretor-executivo do Hong Kong & Shanghai Banking Corporation (HSBC), que patrocinou a conferência da CIB, apoiou o ajuste fiscal adotado pelo governo brasileiro para enfrentar a crise financeira internacional. Puurves considera necessárias mudanças na legislação trabalhista, mas disse que "o Brasil tem uma moeda estável e bem administrada, tem um plano determinado e vai segui-lo. As perspectivas são boas".



Fernando Henrique teve o primeiro encontro com a rainha Elizabeth II, acompanhada do príncipe Philip, antes do desfile da Polícia Montada